



FLORIANÓPOLIS, BARCELONA E AMSTERDÃ NA TRANSIÇÃO DO AMBIENTE HOMOSSEXUAL MAIS HOSPITALEIRO

Marcos Sardá Vieira¹

Introdução

A cidade é o ambiente propício para as transformações sociais (KOHLSDORF, 1996. p.16). Segmentada basicamente entre áreas públicas e privadas a cidade consagra o ambiente físico entre dimensões de proximidade e afastamento na interação dos indivíduos e grupos sociais.

Sobrepondo vivências e articulando sucessivos processos sociais, a cidade co-abriga diferentes intenções e demandas em territórios urbanos. A configuração dos espaços da cidade representa diferentes expectativas e identidades sociais na definição da forma do lugar, “materializando o potencial configurativo das intenções humanas, único porque é capaz de conceder historicidade às formas físicas” (KOHLSDORF, 1996. p.22).

Entre as muitas identidades que convivem nos espaços urbanos, a homossexualidade está inserida no contexto contemporâneo ainda sujeita ao preconceito e a discriminação social.

Na medida em que a cidade é o espaço do livre arbítrio torna-se possível a legitimação das diferenças em uma convivência pública saudável. Para se manter como lugar de liberdade a cidade deve ser capaz de “receber e integrar seus moradores, sejam eles temporários ou não, desenvolvendo sentimentos de identidade, orgulho e cidadania” (MATHEUS, 2002. p.57), melhorando a urbanidade, incentivando a educação e reduzindo, assim, as *desigualdades*² para atenuar a exclusão social.

Acreditando na riqueza de diferentes contextos urbanos e culturais, este artigo apresenta uma reflexão do espaço físico relacionado à sociabilidade dos homossexuais masculinos nas cidades de Florianópolis, Barcelona e Amsterdã, com o intuito de analisar diferentes graus de hospitalidade que caracterizam o ambiente de convivência destes sujeitos com a dimensão *pública*³ e privada.

¹ Arquiteto, urbanista e doutorando em Artes Visuais e Educação pela Universidade de Barcelona – marcosarda@gmail.com.

² Desigualdades principalmente para aqueles países que não reconhecem aos homossexuais os mesmos direitos legais destinados aos indivíduos heterossexuais, como o casamento e a adoção de crianças.

³ Na medida em que todo objeto é uma representação do sujeito, considera-se como válido a observação do ambiente físico de “representações” sociais para compreender “o modo pelo qual um dado exterior é apreendido pelo sujeito sob as formas inatas do espaço e do tempo”, de acordo com a filosofia de Schopenhauer (PULS, 2006. p.385).



Cidade, Território e Homossexualidade Masculina

Em uma sociedade marcada pela exclusão social, os homossexuais fazem parte de grupos que carecem de território onde possam expressar seus meios de vida com liberdade de expressão e sem a influência de uma ideologia heterossexual dominante.

Nos ambientes de trabalho, nos espaços comerciais, nas ruas, ou mesmo no âmbito familiar, os indivíduos “estranhos” quanto a sua identidade sexual normalmente são condicionados a reprimir suas diferenças para não deixarem de fazer parte dos grupos que se articulam no domínio da cidade⁴. Nesta reclusão de interesses particulares os homossexuais acabam não praticando sua cidadania na relação que poderiam estabelecer com os espaços públicos ou ficam confinados em ambientes privados onde as interações homossexuais possam ser controladas.

De acordo com Scardua e Filho (2006), devido às experiências homossexuais normalmente estarem mais restritas ao espaço privado tornam-se menores “as chances de reconhecimento social das mesmas, o que implica em uma menor consolidação no espaço público de um conhecimento mais favorável a respeito da homossexualidade.” (SCARDUA e FILHO, 2006, p.483)

A organização do espaço das cidades esclarece a dinâmica social, na maneira como são definidos os espaços de reserva, ocupação e exclusão. “Essa distribuição social organiza e é organizada pelos significados de público e privado, que fornecem o *permitido* e o *proibido* nesses espaços”, o que nos permite compreender a aceitação de locais reservados para os homossexuais, onde são admitidas “as práticas de paquera, de *pegação* e trocas sexuais” (FERRARI, 2005, p.116).

Além dos interesses particulares e ideológicos, tais condicionamentos visam muito mais os lucros e o controle social do que a comunicação e a funcionalidade da cidade, restringindo efetivamente o comportamento democrático dos cidadãos. Apesar deste despropósito para com o ambiente urbano, é possível superar a distância de interação coletiva entre os homossexuais com base em outras escalas do espaço da cidade.

“Os encontros interpessoais e o reforço das relações entre vizinhanças e bairros são práticas capazes de garantir a passagem de informações menos manipuladas, porque estão apoiadas na diversidade de interpretações de pessoas que se comunicam sem intermediários (...) a verdadeira ação cívica – isto é, aquela de apropriação e construção da cidade pelos seus cidadãos”⁵.

Nestas “relações entre vizinhanças” apontadas por Kohlsdorf (1996) podemos imaginar a configuração do “gay guetto” indicada por Levine (1979, p.31-33) quando este se refere ao espaço

⁴ A atividade urbana majoritária traz implícita a ambição de exercer um domínio sobre os destinos da cidade (CASTRO, 2009, p.6).

⁵ KOHLSDORF, Maria Elaine. *A Apreensão da Forma da Cidade*. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 1996, p.25.



urbano delimitado que aproxima deliberadamente os estabelecimentos comerciais, as moradias e as áreas de convivência pública, normalmente frequentadas pelo público homossexual.

“O gueto possui uma importante função política dentro da comunidade homossexual, uma vez que esse segmento não encontra em seus grupos primários de pertença elementos favoráveis à constituição de uma identidade homossexual (...). É então nesse meio que os homossexuais ensaiam possibilidades de construções da identidade homossexual, talvez menos marginalizadas.”⁶

Na padronização dos espaços da cidade os guetos surgem como expressão espacial de processos sociais particulares. Entretanto, é importante observar que a apropriação dos espaços urbanos pelos gays não se configura de maneira isolada. Quando o espaço das práticas homossexuais é limitado a estabelecimentos isolados do contexto urbano perde-se a possibilidade na criação de tramas entre os diferentes agentes sociais, para a troca de informações, influências, controles e proibições (FERRARI, 2005. p.119). Restringir as interações homossexuais a territórios pontuais trás pouca visibilidade para a cultura homoerótica e a torna mais suscetível a hostilidades. Esta interação social que vai além da relação entre os próprios gays e lésbicas permite reduzir o estranhamento diante a manifestação de carinho e afeto entre parceiros do mesmo sexo (TONELI, e PERUCCHI, 2006. p.45).

A ausência de espaços públicos nas cidades contemporâneas prejudica a sociabilidade da sociedade como um todo, sem a demarcação de lugares que permitam extrapolar o condicionamento privado. Entre os ambientes constituintes da cidade, a praça tende a ser o mais democrático entre os espaços públicos, entendendo o espaço público como o conjunto de instâncias e instituições por intermédio dos quais se desenvolve a vida pública das coletividades, em oposição à vida privada dos indivíduos (CASTRO, 2009. p.7). Para as práticas de sociabilidade em público as características urbanísticas e paisagísticas das praças são fundamentais para a definição de cenários propícios à interação coletiva. A praça como ambiente neutro das funções sociais, onde se estabelece um equilíbrio entre o anonimato e a aparição para contatos com desconhecidos.

“Os meios colocados à disposição dos usuários da praça para encontrar um equilíbrio entre essas pulsões contraditórias são encarados como dispositivos de aproximação e distanciamento em relação ao outro (...). Esta condição peculiar do indivíduo em lugar público é acentuada na praça”.⁷

Em contraponto ao público, para uma esfera particular de convivência entre os homossexuais, é fundamental a permanência de ambientes privados onde os indivíduos possam

⁶ MACHADO, Frederico Viana. PRADO, Marco Aurélio Máximo. *Movimentos Homossexuais: A Constituição da Identidade Coletiva entre a Economia e a Cultura*. O Caso de dois Grupos Brasileiros. Interações. Vol. X, nº 19. 2005, p.49. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/inter/v10n19/v10n19a03.pdf>>. Acesso em: 24 de Janeiro de 2010.

⁷ VAZ, Nelson Popini. *Espaços Públicos Urbanos*. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. *Florianópolis, do Outro Lado do Espelho*. Florianópolis: Ed da UFSC. 2005, p.149-163.



trocar experiências comuns. Na segurança da privacidade os ambientes adquirem novos significados. Surgem formas, cores, texturas e intensidade de luz na criação de ambientes que possibilitam expressar novas identidades masculinas e homoafetivas.

A busca pelo reconhecimento da masculinidade é um processo sujeito a novas interpretações. De acordo com Magnavita (2008, p.15-23) a singularidade gay está sujeita “a liberdade de um contínuo criar, de responsabilizar-se por si mesmo”, em contraponto a um modelo que estabelece indivíduos homossexuais idênticos. O autor critica a tendência pela formação de uma identidade homossexual padrão na militância homossexual, como uma forma de intimidar todos aqueles que fogem dos estereótipos e expectativas destes militantes. Dessa maneira, os locais de confinamento, onde a demonstração de afeto homossexual é permitida, também configuram lugares em potencial para a exclusão e o preconceito entre integrantes do mesmo grupo.

Para os homens existe uma necessidade maior de interações com os espaço público e coletivo na construção de relações afetivas e sexuais. Para Scardua e Filho (2006, p.484), entre os homossexuais, os homens procuram a aceitação mais no âmbito público, enquanto as mulheres buscam maior aceitação perante a família. Esta diferença pode estar relacionada na maneira como homens e mulheres são atraídos desde cedo por diferentes aspectos do ambiente, estabelecendo interesses e percepções distintas mesmo se levarmos em conta fatores culturais e sociais (BARON-COHEN, Ed. Especial. p.22-27). Em geral, os homens organizam os pensamentos como se fossem sistemas geométricos, revelando maior facilidade de localização espacial para aprender um caminho em número menor de tentativas.

Dentro de uma ampla possibilidade de percepções que podem ser apreendidas em um mesmo ambiente social de convivências, surgem questionamentos sobre a maneira como os parâmetros espaciais das cidades e dos espaços interiores são consolidados diante de realidades e pensamentos tão distintos. Nas diferenças de gênero e orientação sexual, a partir de fatores sociais e culturais pré-estabelecidos, surge uma infinidade de expectativas que, em um primeiro momento, parecem incompatíveis para uma mesma configuração espacial.

Mesmo que fragmentada, a integração das diferenças sociais está presente no contexto das cidades contemporâneas. Neste sentido, é possível prever a existência do caráter de acolhimento que permita a inclusão de diferentes concepções de vida em aglomerados urbanos. Em cidades com vocação turística já temos presente a hospitalidade como uma qualidade social que implica uma



organização e um ordenamento do espaço coletivo para receber o outro⁸ no próprio espaço (GRINOVER, 2003. p.2).

Qualquer indivíduo apresenta-se vinculado a um determinado lugar, com suas particularidades, e estes lugares estão integrados a espaços mais amplos. Os lugares são objetos de investimentos afetivo e material que reafirmam uma identidade pessoal e coletiva, “ambas aliadas a uma nova compreensão de qualidade de vida, fornecendo, assim, novos parâmetros para a construção de uma filosofia de Cidade Hospitaleira.” (MATHEUS, 2002, p.61)

Tratando da percepção do espaço social e pessoal, o antropólogo Edward Hall (2005) apresenta uma abordagem sobre a linguagem, a comunicação e o repertório cultural do ser humano na maneira como a realidade espacial é apreendida pela experiência “através de um conjunto de filtros sensoriais determinados pela cultura” (HALL, 2005. p.3). Para o autor, dois indivíduos de diferentes contextos culturais habitam mundos sensoriais diferentes. Nesta distinção, os ambientes arquitetônicos e urbanos que as pessoas criam são expressões desse processo de filtragem e triagem. A partir desses ambientes transformados pelo ser humano é possível aprender como povos diferentes e indivíduos incomuns usam os seus sentidos.

Experiência Etnográfica: FLN - BCN - AMS

A pesquisa foi desenvolvida pelo método etnográfico, a partir de informações obtidas em campo durante a experiência de morar em Florianópolis e Barcelona e visitar Amsterdã, montando um itinerário informal para o reconhecimento dos territórios dos homossexuais masculinos. Os dados foram construídos qualitativamente, com o apoio de mapas demarcando o roteiro gay das duas cidades européias, coleta de publicações nos estabelecimentos homossexuais e anotações de campo. O procedimento de observação foi realizado por meio de análise visual (DEL RIO, 1990) para a compreensão das mensagens, dos relacionamentos percebidos no conjunto e das emoções transmitidas. “É uma categoria de análise subjetiva, no sentido que depende basicamente da capacidade de observação e interpretação do pesquisador, consequentemente permeada por seus próprios sistemas de valores” (DEL RIO, 1990. p.91).

Mesmo em diferentes contextos culturais, relacionados a diferentes nações, a exclusão territorial pode estar presente entre diferentes regras de conduta. Por influências econômicas, educacionais, religiosas, ideológicas, variam pequenas nuances que ganham uma enorme proporção

⁸ A presença do outro é essencial para os relacionamentos de identificação, amor, solidariedade e hospitalidade. (MATHEUS, 2002, p.64)



no desencadear coletivo entre o desconforto e a imparcialidade, como por exemplo, diante do beijo público entre dois homens.

Entre as várias cidades brasileiras procuradas para o turismo gay, Florianópolis destaca-se no cenário nacional pela sua localização central na região sul, com variedade de atrativos naturais e com um roteiro gay extra-oficial que a tornou conhecida em todo o Brasil (CÓRDOVA, 2006. p.150).

Na configuração urbana desta média cidade, os territórios homossexuais são normalmente restritos a ambientes comerciais de lazer com a maior parte dos estabelecimentos próximos da área central da cidade. Mudanças constantes ocorrem na criação de estabelecimentos que abrem durante o verão e fecham quando o contingente de público torna-se menos intenso. Nesta dinâmica, “quando o assunto é sociabilidade, os próprios sujeitos vão redesenhando a geografia homoerótica da cidade, criando diferentes segmentos entre eles, especialmente no que se refere às diferenças de geração e de poder aquisitivo” (CÓRDOVA, 2006. p.149). Ainda assim, na dimensão pública as manifestações da cultura homossexual são permitidas quase exclusivamente durante o carnaval e a parada gay⁹, que não seriam mantidas durante o período de programação de cada evento caso a número de sujeitos fosse insignificante para garantir a segurança do agrupamento coletivo¹⁰.

Em cidades européias onde os direitos legais para as relações homossexuais são consolidados, temos o exemplo da representação do espaço urbano a partir destes sujeitos, que definem uma identidade coletiva que, de maneira crescente entre as metrópoles, ultrapassa o limite do espaço privado.

Visitando os ambientes homossexuais em Barcelona foi possível reconhecer o território gay na configuração do gueto. Perpendicular a *Gran Via les Corts Catalanes*, no bairro L'Eixample, encontram-se uma sequência de vias secundárias que reúnem vários estabelecimentos comerciais (bares, boates, sex-shops, academias, agências de viagem, salão de beleza, entre outros), além de prédios residenciais ocupados pelo público homossexual. “É a região de maior densidade geográfica de Barcelona, onde se concentram os principais serviços e a zona mais comercial da cidade” (MACHADO, 2000. p.70). O lugar é marcado pela presença constante do público GLS, principalmente à noite quando se percebe a presença coletiva deles e delas nas ruas, devido, em grande parte, ao costume recorrente dos espanhóis em visitar vários bares e boates na mesma noite.

⁹ Também é possível considerar a concentração de homossexuais na praia Mole durante o verão como dimensão pública de interações sociais.

¹⁰ Os animais menos numerosos e pouco dominantes têm menor probabilidade em estabelecer territórios, de acordo com Hall (2005. p.11-12).



Ainda assim, esta concentração de estabelecimentos é pontual no contexto da cidade espanhola. Outros territórios são formados mais pela presença de estabelecimentos comerciais e privados, isolados em áreas afins.

Diferente desta configuração espacial, em Amsterdã a privacidade transparece para o lado de fora. Nesta cidade as diferenças coexistem e a heterogeneidade entre os grupos acontece nas ruas. Assim como as vitrines das *casas de luz vermelha* que expõem mulheres para a prostituição, de maneira geral, a cidade transparece o livre arbítrio quanto aos interesses diversos ligados à sexualidade. O cardápio é variado, tendo o sexo como artigo de consumo e sem julgamento quanto às atividades eróticas que serão colocadas em prática. É uma cidade onde convivem pessoas livres na medida em que as condutas não estão normalizadas em estabelecer preconceito por um eventual desvio padrão de identidade na dimensão particular dos sujeitos¹¹. As leis e regras existem, mas não se impõe um modelo normativo que vá contra a liberdade e a ética, permitindo que cada indivíduo, independente de sua orientação sexual, possa se reinventar e falar por si mesmo.

Os territórios homossexuais na cidade holandesa configuram diferentes guetos espalhados pela malha urbana, em forma de ferradura, com ruas e canais concêntricos¹². Os estabelecimentos comerciais que atendem ao público variam entre pequenas concentrações de bares, cafés, restaurantes e boates, formando guetos interligados que mantêm certo domínio sobre a malha da cidade. Nesta concentração de edifícios para usufruto do público GLS, as ruas acabam relacionadas no aproveitamento da paisagem urbana pelos freqüentadores, que não se limitam ao espaço interior.

Em relação aos ambientes privados de Amsterdã, percebe-se uma nítida diferenciação entre aqueles destinados para os homens e para as mulheres homossexuais. Algumas festas congregam o público misto, mas a maioria dos clubes gays rejeita a participação do público heterossexual. (PASCOE e CATLING, 1997. p.250)

Análise dos Aspectos Observados

Tendo como base para a análise o modelo de organização do espaço humano em níveis culturais *proxêmicos*, apresentado por Hall (2005. p.127-160), observa-se diferenças na demarcação dos espaços de socialização de homens homossexuais entre as características fixas, semi-fixas e informais, definidas pelo autor como marcadores territoriais.

¹¹ Na verdade, qualquer estranhamento ocorreu por parte do pesquisador por se deparar com um espaço público com interações sociais mais criativas que o padrão ao qual estava acostumado.

¹² A malha urbana é facilmente compreendida, com uma variedade de marcos, limites, pontos de referência, no encontro entre os canais e as ruas, e detalhes arquitetônicos para a distração constante de qualquer transeunte.



O caráter fixo é um modo básico pelo qual “manifestações materiais, bem como projetos ocultos e internalizados que governam o comportamento” (HALL, 2005. p.129-130) humano, seguem um plano que se altera com o tempo e com a cultura. Quanto aos espaços de características semi-fixas, temos aqueles onde acontecem pequenas alterações espaciais que tendem para a aglutinação ou desagregação das relações sociais. Para o espaço informal o autor indica diferentes limites na percepção de distâncias físicas na interação espacial dos sujeitos: são quatro distâncias que apontam o gradual distanciamento que parte do íntimo, passa pelo pessoal, pelo social, até chegar à distância pública. Para cada uma das distâncias ainda são consideradas a fase próxima e a fase remota.

Na experiência de vivenciar territórios homossexuais masculinos em Florianópolis e Barcelona, as diferenças entre as duas cidades são tênues na perspectiva das dimensões íntima e pessoal, uma vez que a maior parte das interações coletivas acontece nos espaços internos. Com isso, percebe-se que nestas duas cidades existe pouca oportunidade para a socialização entre os gays na dimensão pública, principalmente em sua fase remota (a partir de 7,5 metros), uma vez que a territorialização do espaço urbano ainda reprime uma manifestação mais ampla deste grupo social.

Por outro lado, a experiência da dimensão pública para a interação social entre os gays se torna real em Amsterdã, fazendo possível a comunicação não-verbal através de gestos e da postura corporal, explorando outras possibilidades para os sentidos da visão e da audição e criando um *estilo* de interações entre pessoas mesmo que elas não se tornem conhecidas uma das outras (HALL, 2005. p.154-155).

De maneira geral, as relações sociais em ambientes privados que acontecem nas três cidades apresentam características comuns, devido à existência de estabelecimentos que permitem relações informais nas dimensões espaciais, íntima e social (que juntas variam entre o contato físico até a distância de 1,2 metros entre os sujeitos). Nestas dimensões destacam-se os sentidos do tato e olfato devido à maior proximidade dos corpos. As percepções entre os sujeitos são mais nítidas em detalhes, o que favorece o contato entre um número menor de pessoas.

Apenas em Florianópolis estes estabelecimentos (bares, boates, saunas) encontram-se totalmente desassociados na malha urbana. Esta característica de isolamento dos locais de encontro dentro do contexto da cidade ocasiona uma ruptura indesejada nas interações entre homens homossexuais, que poderiam estabelecer-se na dimensão social (variando de 1,2 e 3,6 metros a distância entre os sujeitos), justamente porque é a partir desta dimensão transitória (social - fase remota) que podemos isolar ou separar as pessoas uma das outras (HALL, 2005. p.152).



Conclusões

Entre os locais visitados foram percebidas similaridades espaciais que favorecem as interações afetivas e sexuais entre os homossexuais masculinos dentro dos ambientes privados. Porém, quando alcançam as fronteiras públicas estas interações tornam-se ausentes em Florianópolis, menos intensas em Barcelona e aceitáveis em Amsterdã, revelando o grau de hospitalidade aos gays diante das dimensões comunicativas que este grupo está apto a exercer nos ambientes públicos de cada cidade.

Ainda que as diferenças econômicas, políticas e institucionais entre estes países estabeleçam variações entre a exclusão e a aceitação dos homossexuais, a maneira como os gays estabelecem suas redes de comunicação parece ir além das fronteiras geográficas. Em dimensões ocultas e virtuais a cultura gay estabelece intercâmbios que torna comum a linguagem não-verbal entre os homens homossexuais, como se pudessem estabelecer territórios neutros em diferentes culturas.

As mudanças do ambiente urbano acontecem a partir de novos valores que vão sendo incorporados pela sociedade ao longo do tempo. Na medida em que relações homossexuais são vivenciadas no contexto das cidades torna-se inevitável a sua materialização dentro de um processo gradual e contínuo de transformações sociais.

Acredita-se que o reconhecimento da afetividade entre seres masculinos nos territórios urbanos deve ser uma conquista não apenas para confirmar a inclusão dos homossexuais no contexto da sociedade heteronormativa, mas, talvez, como referência de uma prática de convivência mais hospitaleira para com a diversidade de pensamentos e valores humanos.

Bibliografia

BARON-COHEN, Simon. *Engrenagens do Cérebro Masculino*. In: Revista *Mente e Cérebro*. São Paulo: Editorial Duetto, Edição Especial. p.22-27.

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. *Espaços Públicos como Híbridos: Qual situação, qual posição?* Banco de Dados: IV Projetar 2009, Projeto como Investigação: Ensino, Pesquisa e Prática. FAU-UPM, São Paulo, 2009. CD-ROM.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. *Trajatória de Homossexuais na Ilha de Santa Catarina: temporalidades e Espaços*. 2006. Tese. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

DEL RIO, Vicente. *Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento*. São Paulo: Editora Pini, 1990.



FERRARI, Anderson. *Quem sou eu? Que lugar ocupo?: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual*. 2005. Tese. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000377354>>. Acesso em 23 de Maio de 2010.

GRINOVER, Lucio. *A Comunicação e a Hospitalidade em Território Urbano*. Banco de Dados: XXVI Congresso da INTERCOM Sessão de Temas Livres. Belo Horizonte, 2003, p.1-13. CD-ROM.

HALL, Edward T. *A Dimensão Oculta*. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KOHLSDORF, Maria Elaine. *A Apreensão da Forma da Cidade*. Editora Universidade de Brasília. Brasília, 1996.

LEVINE, Martin P. *Gay Macho: the life and death of homosexual clone*. In: Base de dados Google Livros. New York: New York University Press, 1998.

MACHADO, Lúcia Helena Monteiro. *Conheça Barcelona - antiga cidade moderna*. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2000. 144p.

MACHADO, Frederico Viana. PRADO, Marco Aurélio Máximo. *Movimentos Homossexuais: A Constituição da Identidade Coletiva entre a Economia e a Cultura*. O Caso de dois Grupos Brasileiros. Interações. Vol. X, nº 19. 2005. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/inter/v10n19/v10n19a03.pdf>>. Acesso em: 24 de Janeiro de 2010.

MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. *Identidade Gay e os preconceitos que cerceiam a tolerância*. In: Revista Filosofia. Ano II, Nº 22. São Paulo: Dibra, 2008. p.14-23.

MATHEUS, Zilda Maria. *A Idéia de uma Cidade Hospitaleira*. Páginas 57/67. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade, Reflexões e Perspectivas*. 1ª Edição. Manole. Barueri, 2002, p.57-64.

PASCOE, Robin. CATLING, Christopher. *Amsterdã*. São Paulo: Folha da Manhã, 1997. 312p.

PULS, Maurício Mattos. *Arquitetura e Filosofia*. 1ª Edição. Annablume. São Paulo, 2006.

SCARDUA, Anderson. FILHO, Edison Alves de Souza. *O Debate sobre a Homossexualidade Mediado por Representações Sociais*: In: Psicologia: Reflexão e Crítica. v.19 (3). p.482-490. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000300017&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 24 de Janeiro de 2010.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. PERUCCHI, Juliana. *Territorialidade Homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero*. Revista Psicologia & Sociedade, v.18 (3) p.39-47. ABRAPSO, 2006. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/npp/index.php/artigos/35-artigo-juliana-territorialiade>>. Acesso em: 24 de Janeiro de 2010.

VAZ, Nelson Popini. *Espaços Públicos Urbanos*. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. *Florianópolis, do Outro Lado do Espelho*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. p.149-163.